

ESPECIAL 2

# ISTO É



Chico Buarque

# O MÚSICO DO SÉCULO

Parte integrante de ISTOÉ/edição 1535 - Não pode ser vendida separadamente

Patrocínio

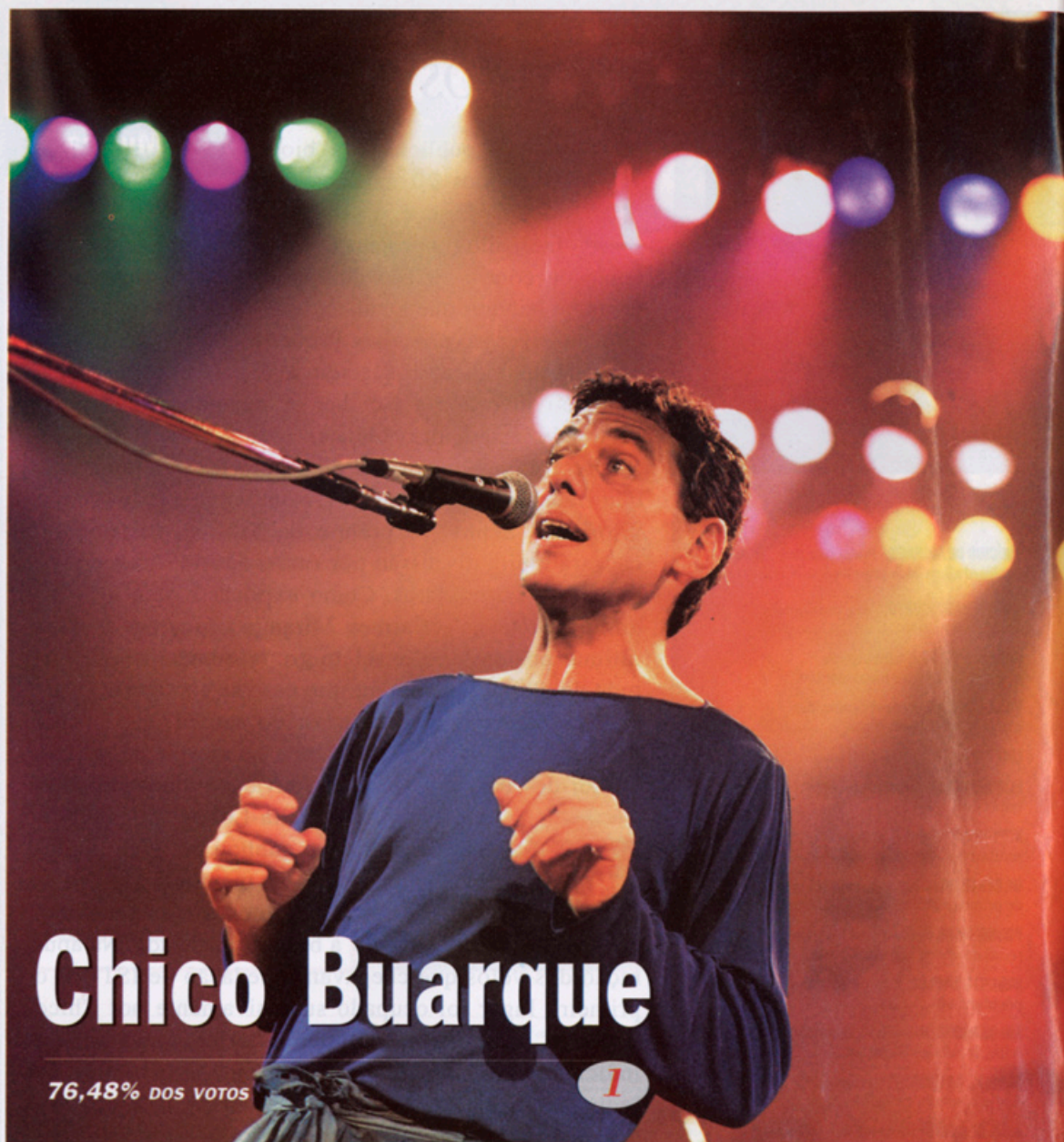


BANCO DO BRASIL



CORREIOS

TAM  
Um estilo de voar



# Chico Buarque

76,48% DOS VOTOS

1

*“Vovó, você já está muito velha e quando eu voltar eu não vou ver você mais, mas eu vou ser cantor de rádio e você poderá ligar o rádio do Céu, se sentir saudades.”*

*(Bilhete de Chico Buarque à avó Heloísa, quando tinha oito anos e estava de partida com a família para a Itália)*

Contar a história dos gênios da música popular é tentar separar mito e realidade. Com Francisco Buarque de Hollanda, carioca criado em São Paulo, 54 anos, não é diferente. Os amigos contam que Chico tem o

hábito de criar situações absurdas para exercer um humor surrealista, do qual o bilhete para a avó, em 1952, é um aperitivo. A história de que, distraído, o poeinha Vinícius de Moraes, amigo da família, sentou no sofá em



**PALCO**

- A banda (1966)
- Sabiá (1968)
- Apesar de você (1970)
- O que será (1976)
- As vitrines (1981)
- Vai passar (1984)
- Brejo da cruz (1984)

**VOCÊ SABIA?** Quando era aluno da faculdade, comprou gaze e mercurocromo na farmácia e fez curativos para comover uma moça do pensionato que não lhe dava bola. Desceu do AeroWillys emprestado da mãe e tocou a campainha, com o braço “quebrado” e a cabeça enfaixada. Ela morreu de dó

cima do bebê Chico, quase encerrando prematuramente a brilhante carreira do futuro compadre e parceiro, bem, essa história é lenda. Ou quase, porque o episódio, de fato, ocorreu, mas Vinícius sentou em cima de Cristina, uma das quatro irmãs do compositor. Chico Buarque é tímido? Vamos aos fatos. Era envergonhado, é verdade, a ponto de o diretor de tevê Fernando Faro pedir aos câmeras que o focalizassem de baixo para cima, única forma de captar a imagem do rosto do cantor. Mas, aos 18 anos, para comemorar a aprovação no vestibular, subiu na mesa de um bar e fez um discurso jogando ovos para cima.

**Caretas do Golias** Já cantor de sucesso, em show coletivo num estádio em Patos de Minas (MG), pregou outra peça. O comediante Ronald Golias costuma trazer para a vida real os tiques nervosos de seus personagens, como franzir a testa ou piscar um olho insistentemente. Chico inventou que Golias estava fazendo caretas porque havia perdido as lentes de contato. Logo havia dezenas de pessoas à procu-

FOTOGRAFIA: PEDRO AUGUSTO

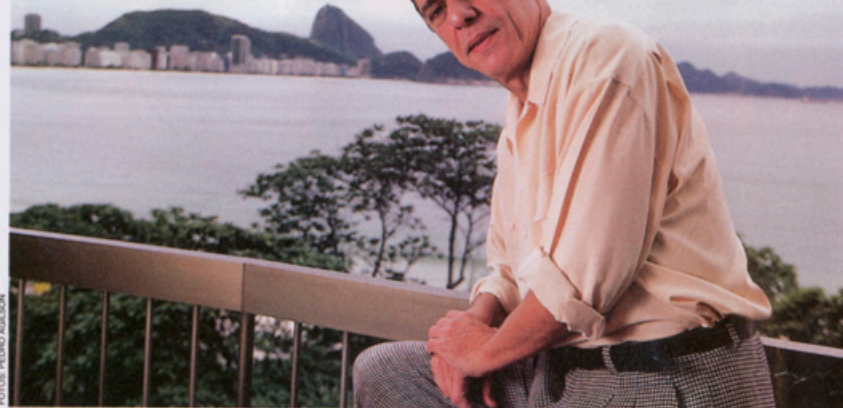
ra das lentes de Golias no gramado. A veia dramática do compositor existe muito antes de ele se consagrar com peças como *Calabar* e *Ópera do malandro*. Ao receber o primeiro cachê - 50 mil cruzeiros, ou US\$ 30 -, em 1964, enfiou o dinheiro no bolso e foi visitar uma namorada no interior paulista. Convenceu o amigo e colega de faculdade, o arquiteto Carlos Jaguaribe Ekman, o Barão, hoje com 56 anos, a acompanhá-lo. "A viagem era longa, a gente fa de pé no ônibus e bebia cachaça para aguentar", conta Barão. Chico inventou que era sul-africano ao registrar seu nome no hotel. A mulher olhou por cima do óculos e comentou: "Pensei que os africanos fossem todos pretos." Barão, cúmplice, retrucou: "Olha o cabelo dele, todo enrolado." Chico, que até então estava calado, começou a falar num idioma que ele criou naquele exato instante.

### Reconstituição do crime

Há cinco anos, no restaurante Fiorentina, no Rio, discuti com um jornalista que desancara o pau em sua obra. Dias depois, chamou alguns amigos para a "reconstituição do crime". O barman fez o papel de seu oponente. Os funcionários da cozinha ocuparam as mesas como se fossem clientes. Chico chamou o garçom e pediu um uísque, exatamente como fizera no desagradável encontro. Saiu espalhando que fizera a "reconstituição" e to-



**RODA VIVA** Desfilando pela Mangueira, em 1998, quando foi homenageado (acima), cantando o Rio no disco mais recente e jogando futebol no Politeama no Recreio dos Bandeirantes



dos os que dela participaram concluam que ele tinha toda a razão em espinafrar o rival. No Fiorentina, outra vez, aproveitou a ida de um companheiro de copo ao banheiro para chamar o maître: "Sabe aquela reportagem falando mal de vocês? Foi ele que escreveu", inventou. Ao voltar, o amigo foi cercado de mimos. Empanturrado de

cerveja, não podia nem pensar em comer, mas os garçons não paravam de encher a mesa. Quando, enfim, conseguiu levantar, ainda ouviu do maître: "Aceita uma sobremesa?"

O talento de manipular situações é coisa de bruxo, mas Chico é apenas o filho de dona Amélia, carioca, torcedora fanática do Fluminense.

Ela ninava Chico com uma estranha canção, a escalação de um do times do tricolor: "Castilhos, Pindaro e Pinheiros..." O nenê fechava os olhos embevecido (hoje é o centroavante do Politeama, time que ele próprio fundou). Aos 14 anos, teve um surto religioso. Um professor de História do colégio aliciou 16 dos



25 alunos da classe para os Ultramontanos, embaixo da TFP (Tradição, Família e Propriedade), de extrema direita. Previam que o juízo final estava perto e só iam sobreviver os eleitos de Deus. Para entrar nesse time, Chico aceitou até o sacrifício de largar o futebol e aderir à peteca, que os fanáticos achavam mais comportada. Foi

demais. O pai mandou Chico para um internato no interior de Minas, até passar a febre de beato.

Em 1963, aluno da FAU Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP, Chico, líder nato, trazia os colegas para estudar em casa. Mas os rapazes se dedicavam a campeonatos in-termináveis de jogo de bo-

ção. Eram intermináveis porque, segundo testemunhas idôneas, ao pressentir que ia ser desclassificado, Chico virava a mesa e mudava as regras, quando não encerrava prematuramente o torneio. Isso se a tática de dar sumiço no cronômetro não funcionasse. Passava das 11 e meia da noite, quando batia a fome e os moços corriam até o Riviera, na esquina da Consolação com a Paulista. No dia seguinte, ainda curando a ressaca, o jeito era tentar adiar a entrega do trabalho.

**Verniz das almas** Os calouros eram disputados à tapa pela Juventude Universitária Católica (mais tarde Ação Popular) e o *Partidão* (Partido Comunista Brasileiro). Para envernizar a alma dos calouros, eram promovidas audições de música clássica entremeadas com discussões políticas no porão da escola, onde ficava o diretório acadêmico. "Era um negócio horrível. A gente era obrigado a escutar concertos malgravados em aparelhos de som que eram uma porcaria", lembra o ex-colega Barão. Foi, portanto, quase como um protesto que Chico passou a levar o violão para o porão. Havia improvisos de sátira ao presidente Castello Branco (*Todo povo tem um osso no nosso é um presidente sem pescoço*) e à jovem guarda de Roberto Carlos, que os jovens intelectuais achavam lixo cultural. Depois de alguns

copos de caninha Pitu, Chico e o cantor Toquinho eram a dupla Os Jipes, gozação com Os Vips, que fazia sucesso na época.

Chico trocou, enfim, a prancheta pelo violão. A chance apareceu no programa *Primeira audição*, da TV Record, em 1964. O primeiro disco saiu em 1965, *Pedro Pedreiro* (que esperava o trem ao longo de 60 versos, o que fez com que um produtor do Charchinha, preocupado com o exíguo tempo da televisão, lhe pedisse: "Não dá para esse trem chegar mais cedo?"). No ano seguinte, estourou com *A Banda*, motivo de crônica entusiasmada de Carlos Drummond de Andrade. "A felicidade geral com que foi recebida a passagem dessa banda tão simples, tão brasileira e tão antiga na sua tradição lírica, que um rapaz de pouco mais de 20 anos botou na rua, alvoroçando novos e velhos, dá bem a idéia de como andávamos precisando de amor." O que aconteceu depois todo mundo sabe. Chico Buarque foi eleito pelos leitores de ISTOÉ o Brasileiro do Século na Música. O resto é silêncio.



**VOCÊ SABIA?** Aos 17 anos, foi preso depois de "puxar" (eufemismo usado na época para a prática de roubar um carro, dar uma voltinha e devolvê-lo intacto ao dono, que era moda entre os rapazes de classe média) um Peugeot. Tentou fazer o automóvel pegar no tranco, quando chegou a polícia. Passou a noite na cadeia junto com um garoto que havia roubado um cavalo. No dia seguinte, a foto de Chico estava estampada no jornal.

**VOCÊ SABIA?** Carolina ele compôs num avião ou num aeroporto, não lembra, sabe que foi "nas coxas". Inscreveu num festival da Globo para evitar pagar uma multa por ter abandonado por excesso de timidez o programa *Shell em show*. Para surpresa de Chico, a canção tirou terceiro lugar, embora ele não a apreciasse. Para piorar, Carolina foi gravada por Agnaldo Rayol num disco com as 12 preferidas do general Costa e Silva